

Dados e reflexões para o sistema de assentamento de populações ceramistas do Planalto do Rio Grande do Sul

Pedro Ignácio Schmitz¹; Jairo Henrique Rogge²

Resumo

O artigo apresenta as estruturas conhecidas do sistema de assentamento de populações ceramistas, que ocuparam os municípios de Vacaria e São Marcos, RS, entre os séculos X e XIX de nossa era. As estruturas mais comuns são habitações mais permanentes, com pisos rebaixados em meia-esfera ou calota de esfera; assentamentos temporários com pisos rebaixados em forma de lua minguante; assentamentos à superfície do solo; jazigos funerários em abrigos ou fendas rochosas. As ocupações são apresentadas em escala decrescente. A mais ampla mostra a distribuição de sítios com estruturas diferentes num espaço limitado; a escala média apresenta a distribuição das habitações e/ou estruturas semi-lunares em sítios específicos; a menor desce até o interior das habitações e dos espaços individuais de acampamentos. Não detalhamos os jazigos funerários. As considerações referem-se à ocupação de espaços ou territórios, de sítios, de habitações individuais, à cronologia das ocupações, às atividades e/ou funções inferidas para as unidades. A visão conseguida com este exercício é parcial, mas muito rica.

¹ Instituto Anchietao de Pesquisas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa, CNPq. Rua Brasil, 725, CEP 93010-010, São Leopoldo, RS. E-mail: anchietano@unisinis.br. Site: www.anchietano.unisinis.br

² Instituto Anchietao de Pesquisas. Rua Brasil, 725, CEP 93010-010, São Leopoldo, RS. E-mail: rogge@unisinis.br. Site: www.anchietano.unisinis.br

Palavras-chave: Sistema de Assentamento, Tradição Taquara, Planalto Sul-rio-grandense.

Abstract

The paper presents the better known structures of the settlement system of a ceramic population of the tenth through the nineteenth century AD, established in São Marcos and Vacaria, RS. These structures are: more permanent circular pit houses, temporary structures in the shape of a diminishing moon, open camp sites and burial places in rock shelters. We exhibit the settlement organization through different stages: the distribution of the sites in a territory; the distribution of the structures in the sites; the distribution of the artifacts on the floor of the houses. We do not speak explicitly about the burial places. Our final considerations refer to the occupation of the territories, of the sites, and of the dwellings; refer also to the chronology, the inferred activities and functions. The presented results are partial, but rich.

Key words: Settlement System, Taquara Ceramic Tradition, Highlands of Rio Grande do Sul.

Introdução

A última década produziu importante volume de pesquisas sobre o sistema de assentamento pré-histórico do Planalto Meridional, representado pelo aumento do número de sítios, a diversidade das formas de assentamento, o detalhamento das estruturas encontradas, o reexame e reinterpretação dos artefatos, o aumento e melhoria das datas do todo e de suas diferentes partes (Schmitz, ed., 2002; Milder, org., 2005; Beber, 2005). O conceito mais usado para a compreensão dos fenômenos observados é "sistema de assentamento", que abarca os sítios, as estruturas e artefa-

tos, com suas características próprias e sua distribuição, mas também seu papel, sua cronologia, sua função e seu significado. A noção de sistema de assentamento leva em conta que os sítios arqueológicos possuem distribuições, formas, funções e hierarquias diferenciadas, que refletem a organização de uma determinada população em uma região (Forsberg, 1985). Lado a lado com este conceito está emergindo a preocupação de saber como os diversos elementos da cultura conhecida pelos arqueólogos se foram criando, adaptando, mantendo e relacionando no espaço em que a população se estabeleceu e se manteve durante muitas gerações, distanciando-se cultural e simbolicamente de sua matriz, criando uma nova identidade (Oliveira, 1999).

Nosso trabalho restringe-se aos sítios em que aparece a cerâmica da chamada tradição Taquara/Itararé, nas terras altas do Estado do Rio Grande do Sul (Schmitz, 1988; Schmitz et al., 1988; Schmitz et al., 2002; Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985; Mentz Ribeiro et al., 1994; Copé & Saldanha, 2002; Copé et al., 2002, entre outros). Ali os sítios são numerosos, em terrenos superiores a 400m de altitude, domínio da Mata de Araucária. As estruturas que aparecem são casas com o piso todo rebaixado em meia-esfera ou calota de esfera ("casas subterrâneas"), estruturas com rebaixamento parcial, em forma de lua decrescente ("estruturas semi-lunares"), sítios superficiais a céu aberto, terrenos planos fechados por taipas de terra ("danceiros"), montículos funerários com esqueletos humanos cremados e jazigos funerários com esqueletos depositados em abrigos ou fendas rochosas.

Sítios da mesma tradição cerâmica, mas com menor diversidade de estruturas, aparecem em terrenos um pouco mais baixos, nas bacias dos rios que drenam o planalto pelo oeste e pelo sul e no bioma da Mata Atlântica da encosta leste; e até no bioma da Mata

de Restinga, no lado ocidental das lagoas litorâneas (Schmitz, 2006). Todas essas estruturas fazem parte do sistema de assentamento do grupo, mas neste trabalho nos restringimos aos sítios das terras altas correspondentes aos municípios de São Marcos e Vacaria, RS.

As chamadas "casas subterrâneas" apresentam-se hoje como depressões semi-esféricas ou em calota de esfera com diâmetros de 2 a 20 metros, profundidades de alguns decímetros a vários metros, não se percebendo relação fixa entre diâmetro e profundidade. Elas têm em comum o nivelamento das bordas, para os que usam a terra produzida pela escavação e se a mesma sobrar, constroem montículos com o restante. Elas são escavadas em pendentes suaves de terreno ondulado, perto de nascentes ou pequenos banhados, e longe dos rios.

São claramente habitações humanas. Muitas vezes vêm agrupadas, como se formassem aldeias, mas nos três grandes sítios, em que datamos individualmente um número regular dessas habitações, elas são predominantemente sucessivas, tendo cada uma delas um período de ocupação relativamente curto; casas com ocupações mais longas ou mais freqüentes são raras nos sítios estudados. Os restos encontrados nas camadas acumuladas sobre o piso rebaixado das habitações não representam todas as atividades desenvolvidas pelos moradores, havendo muitos locais de trabalho do lado de fora das mesmas, debaixo da copa das árvores ou de pequenos telheiros, onde também se lascava pedra e se preparavam alimentos. Tanto dentro quanto fora das habitações trata-se de lixo primário, sem importantes remoções, o que é confirmado pela constatação de não se terem encontrado lixeiras secundárias. Nos três sítios em que datamos diversas casas e montículos, cada um deles foi ocupado por vários séculos, em dois casos por mais

de 800 anos. No sítio RS-A-27, entre 870 ± 60 AP (Beta-144247) e 40 ± 60 AP (Beta-144243). No sítio RS-127, entre 1480 ± 70 AP (SI-603) e 630 ± 70 AP (SI-604). Estas sucessivas ocupações do mesmo lugar responderiam à movimentação da população dentro do território, estando o assentamento no lugar representado, em cada momento, por uma ou duas estruturas.

As chamadas "estruturas semi-lunares" são aprofundamentos menores, em forma de lua decrescente, fechados por um montículo, no qual se acumulou a terra removida. Elas podem estar junto das habitações, embora sejam mais comuns ao redor de banhados de altura, ou acompanhando valos que escoam a água das chuvas de altas encostas. Elas medem ao redor de 6 m de diâmetro. São testemunhos de ocupações efêmeras, atestadas, geralmente, por um único talhador grosseiro, desacompanhado de quaisquer estruturas de fogueiras, ou de locais de retalhamento de pedra. No município de São Marcos são muito numerosas e já foram reconhecidas em outras áreas do planalto do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A suposição é que correspondam a assentamentos para caça e coleta na Mata de Araucária. Depois de seu reconhecimento passaram a ser, ao lado das casas, um elemento importante no sistema de assentamento do grupo.

Além das estruturas escavadas, com manejo de maior ou menor quantidade de terra, representadas pelas casas e as estruturas semi-lunares, existem sítios a céu aberto, em que estão justapostas concentrações de material lítico, junto com alguma cerâmica, que se insinuam como aldeias ou acampamentos de certa duração. O volume e a qualidade de restos líticos e cerâmicos de cada uma dessas concentrações é comparável ao volume do mesmo tipo de restos das habitações individuais com pisos rebaixados.

Estruturas: distribuição no território, associação, caracterização individual

Embora esta seja uma ordem contrária à esperada, por razões práticas é nesta seqüência que apresentaremos nossos exemplos. O primeiro bloco refere-se ao projeto São Marcos, o segundo ao projeto Vacaria.

Sítios em São Marcos, RS

Com os sítios estudados no município de São Marcos, na margem esquerda do

rio das Antas, um dos formadores do rio Taquari, da bacia do rio Jacuí, oferecemos um exemplo de como os diversos tipos de estruturas acima indicados estão localizados numa área de 400km². Mesmo incompleto, o levantamento já é suficiente para mostrar a variedade, a distribuição e a densidade dos sítios neste pequeno espaço. O mapa e a listagem dos sítios foram expressamente colocados para dar esta visão (Fig.01). Na lista, os sítios com os diversos tipos de estruturas vêm agrupados e indicam as maiores intervenções nelas realizadas.

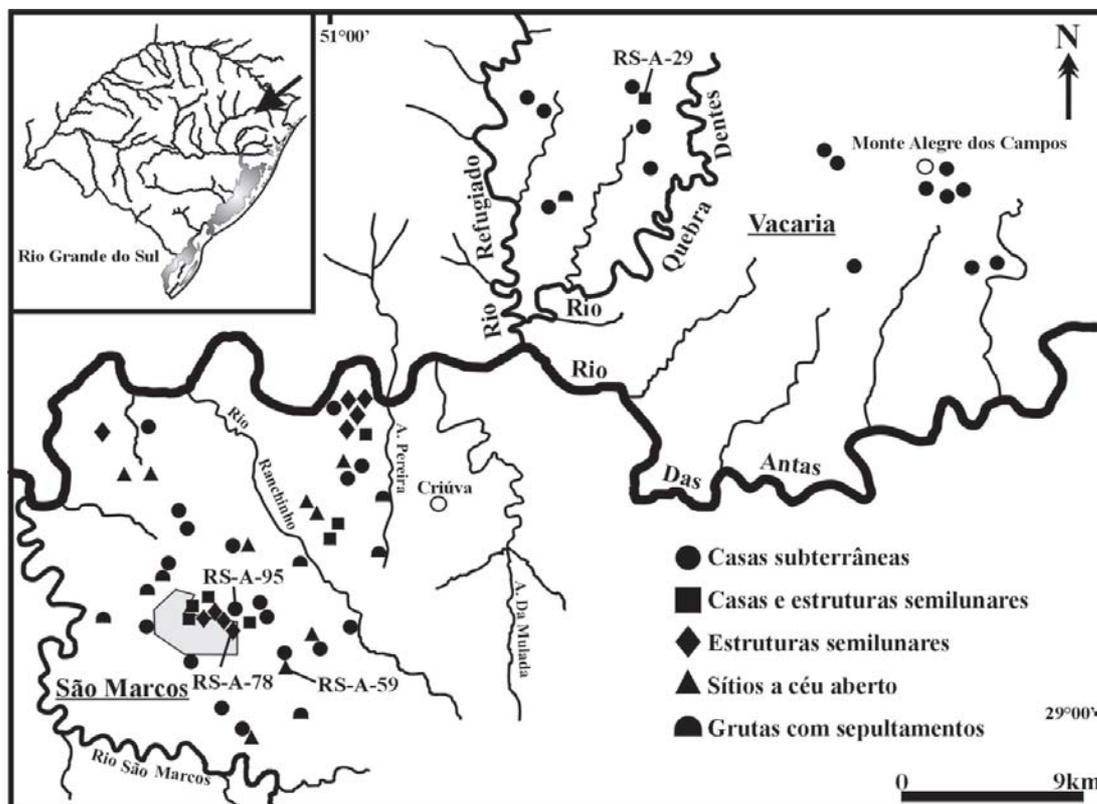


Fig.01: Localização dos sítios estudados, com a indicação do tipo de estruturas presentes

Sítios com casas subterrâneas

RS-A-51. Ricieri Michelin 1. 3 casas.

RS-A-52. Miro Fabro. 8 casas e um montículo grande.

RS-A-54. Fortunato Sogari. 2 casas, uma delas foi escada pela metade.

RS-A-55. Loreno Casarotto. 2 casas.

RS-A-57. Irmãos Casarotto. 11 casas.

RS-A-58. Parque da Prefeitura. 12 casas pequenas densamente agrupadas. (Aparece no texto mais adiante).

RS-A-61. José Mário Fontana e Luis Carlos Machado. 9 casas e 1 montículo.

RS-A-62. Norberto Lucchi 1. 2 casas.
RS-A-64. Norberto Lucchi 3. 2 casas.
RS-A-69. José Santini. 2 casas.
RS-A-72B. Valmor Corso. 5 casas.
RS-A-85. Norberto Lucchi 4. 7 casas.
RS-A-86. César Antônio Menegon. 7 casas.
RS-A-89. Leonardo Ferreira de Castilhos 1. 2 casas.
RS-A-90. Leonardo Ferreira de Castilho 2. 1 casa.
RS-A-94. Alemar Trevisan. 1 casa.
RS-A-95. Ironi Benato 5. 1 casa, escavada pela metade, em dois quadrantes alternados. (Aparece no texto mais adiante).
RS-A-96. PM São Marcos. 1 casa.

Sítios com casas subterrâneas e estruturas semi-lunares

RS-A-53. Ironi Benato 1. 4 casas e duas estruturas semi-lunares.
RS-A-60. Oneide Casal. 7 casas, dois montículos e 2 estruturas semi-lunares.
RS-A-68. Ironi Benato 2. 8 casas e 3 estruturas semi-lunares.
RS-A-77. Aldo Cioato. 3 casas e 2 estruturas semi-lunares. Duas casas grandes e fundas foram integralmente escavadas.
RS-A-79. Antônio Soldera. 8 casas e 5 estruturas semi-lunares.
RS-A-80. Hilário Darós. 6 casas e 1 estrutura semi-lunar. As seis casas foram integralmente escavadas; as datas de C¹⁴, correspondentes a duas delas, são recentes, do século XVIII.
RS-A-88. Valdemar Rizzon. 2 casas e 1 estrutura semi-lunar.

Sítios só com estruturas semi-lunares

RS-A-74. Benato 3a. 6 estruturas semi-lunares, das quais uma foi integralmente escavada.

RS-A-75. Benato 3b. 4 estruturas semi-lunares, das quais uma foi integralmente escavada.
RS-A-76. Benato 4. 4 estruturas semi-lunares.
RS-A-78. Juarez Vanin. 8 estruturas semi-lunares, das quais uma foi integralmente escavada. (Planta do sítio aparece mais adiante).
RS-A-81. Hilda Chemello 1. 4 estruturas semi-lunares.
RS-A-82. Hilda Chemello 2. 7 estruturas semi-lunares.
RS-A-83. Hilda Chemello 3. 10 estruturas semi-lunares.
RS-A-84. Hilda Chemello 4. 8 estruturas semi-lunares.
RS-A-87. Catarina Managutti Perozzo. 3 estruturas semi-lunares.

Sítios a céu aberto

RS-A-56. Loreno Casarotto. Sítio com 2 concentrações de material.
RS-A-59. Gilberto Polleto. Sítio com 6 concentrações. (Comentado mais adiante).
RS-A-63. Norberto Lucchi 2. Sítio de mineração e produção primária de grandes talhadores.
RS-A-66. Otávio Antônio Leôncio 1. Pequeno sítio com algumas pontas de projétil.
RS-A-67. Otávio Antônio Leôncio 2. Sítio sem concentrações definidas, mas com material lítico disperso.
RS-A-72A. Nene Scain. Sítio sem concentrações definidas, mas com material lítico disperso.
RS-A-91. Telipor Menegon. Sítio sem concentrações definidas, mas com material lítico disperso.
RS-A-92. Joãozinho Bianchi. Sítio sem concentrações definidas, mas com material lítico disperso.
RS-A-93. Pedrinho Girardini. Só com um pouco de material da tradição Tupiguarani.

Jazigos funerários

- RS-A-48. "Gruta das Cabras".
- RS-A-49. "Toca Santa".
- RS-A-50. Ricieri Michelin 2.
- RS-A-65. Renor Campos.
- RS-A-70. Paulo Francischelli.
- RS-A-71. "Gruta Nossa Senhora de Lourdes".
- RS-A-73. Nadir Hoffmann.

A lista demonstra que todas as categorias de estruturas estão bem representadas. As habitações com piso rebaixado e as estruturas semi-lunares encontram-se freqüentemente agrupadas no mesmo lugar. Na medida em que os diferentes espaços da área do projeto foram mais sistematicamente cobertos por levantamentos, apareceram neles as quatro variedades. Em alguns lugares nota-se maior densidade, como na borda do Morro da Antena, dentro da zona

urbana de São Marcos, onde, num quilômetro e meio de extensão, foram registradas 22 casas subterrâneas e 32 estruturas semi-lunares.

Embora haja numerosos sítios com apenas uma ou duas casas, outros reúnem número maior de unidades, que podem estar muito próximas umas das outras, como no sítio RS-A-58 (ver mais adiante), ou distribuídas num espaço mais amplo.

A maior parte das casas testemunha uma ocupação de pouca intensidade e pequena duração, o que ilustramos com a grande casa do sítio RS-A-95 (ver mais adiante).

As estruturas semi-lunares também são muito numerosas, agrupadas ao longo de banhados de altura, de valos de água ou associadas a conjuntos de casas. A Fig.02 se mostra a distribuição das unidades do sítio RS-A-78, que é parte do conjunto das 32 estruturas semi-lunares do Morro da Antena.

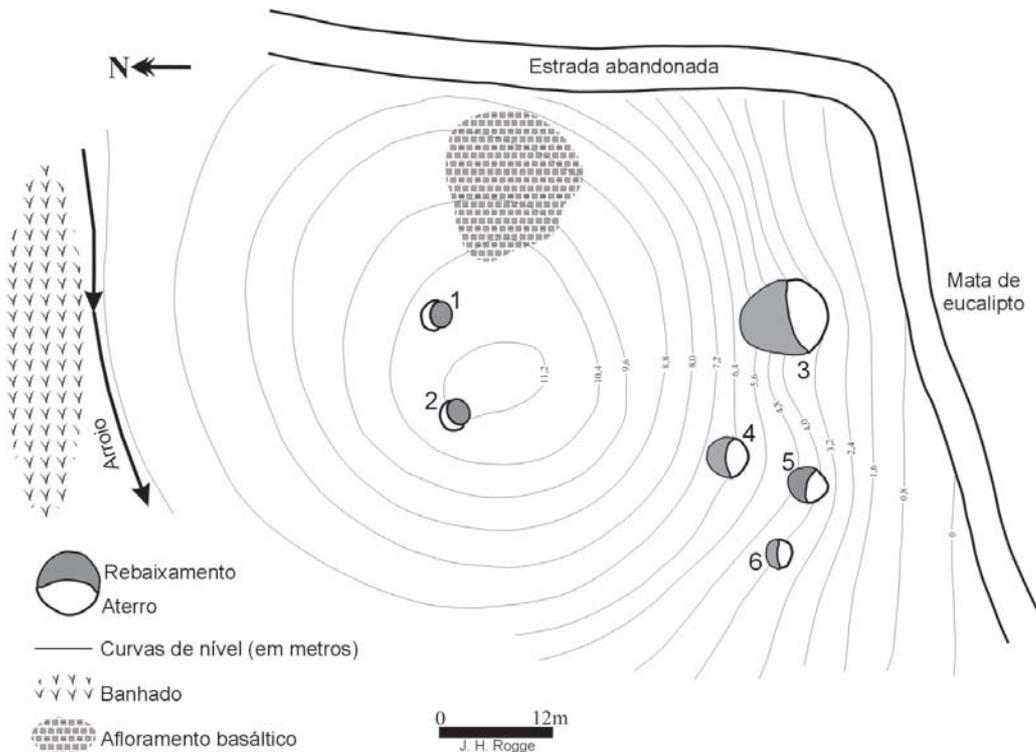


Fig.02: Distribuição das estruturas semi-lunares no sítio RS-A-78, na proximidade de um pequeno banhado

Os sítios a céu aberto podem ter pouco ou muito material, podem estar perto de outros tipos de estruturas ou isolados.

A cerâmica desses sítios costuma ser pouca, às vezes inexistente, ao passo que o material lítico é abundante. Neste texto não nos ocupamos em detalhar suas características (ver Schmitz et al., 1988; Schmitz et al., 2002), apenas anotamos sua presença.

A seguir colocamos o exemplo de um sítio superficial, o RS-A-59.

RS-A-59. Gilberto Polleto

Está localizado no topo relativamente plano de uma colina, cercado em três lados por nascentes e pequenos banhados. O local, muito antigamente, fora grande e densa mata de pinheiros. Um pouco antes de nossa pesquisa havia sido arado com trator, que terminou de destruir os estratos arqueológicos e deixou grande quantidade de material à vista, entre filas regulares de milho pequeno. Todo o material visível foi recolhido, observando os seis espaços nos quais estavam distribuídos, numa superfície total de aproximadamente 2 km².

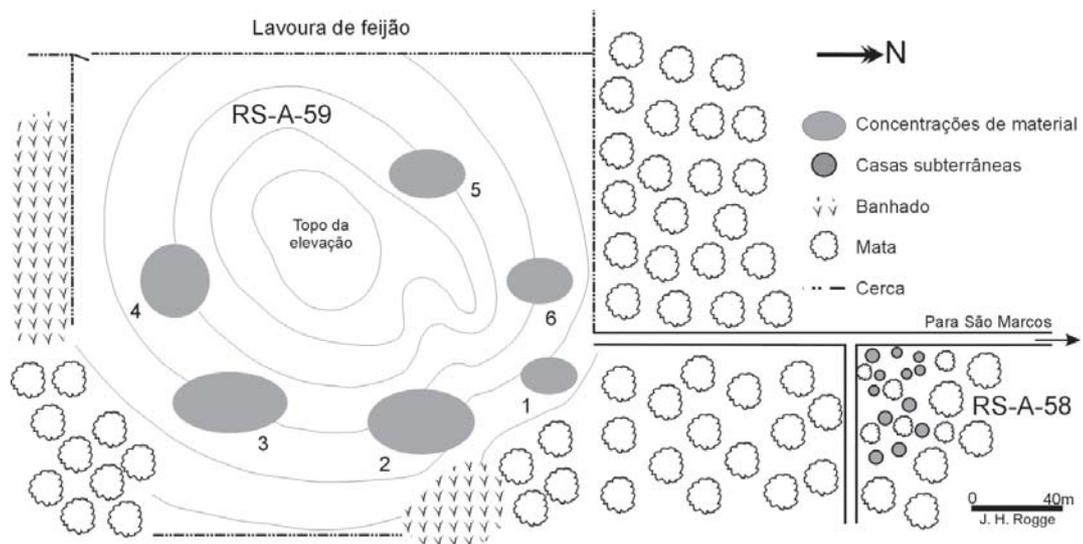


Fig.03: O lado esquerdo da figura mostra a distribuição das concentrações do sítio a céu aberto RS-A-59. O canto direito mostra a distribuição das pequenas e aglomeradas casas do sítio RS-A-58

A coleta superficial produziu um total de 1.020 peças líticas, correspondentes a lascas corticais e não corticais, fragmentos, núcleos e instrumentos, de diversos tamanhos, feitos predominantemente sobre basalto local, mas com alguma presença de calcedônia, cristais de quartzo e seixos de rio. Entre os 145 instrumentos destacam-se grandes lascas com algum trabalho secundário ou retoque, raspadores e talhadores rudimentares. Nas concentrações maiores havia também alguns fragmentos cerâmicos da tradição Taquara, que somam um total de 22.

O material está assim distribuído por concentração ou conjunto:

Conjunto 1 = 197 peças, das quais 28 instrumentos, mais 7 fragmentos cerâmicos (2 simples, 4 ponteados, 1 unguado em linha).

Conjunto 2 = 47 peças, das quais 15 instrumentos, sem cerâmica.

Conjunto 3 = 51 peças, das quais 7 instrumentos, sem cerâmica.

Conjunto 4 = 276 peças, das quais 33 instrumentos, mais 6 fragmentos cerâmicos (4 simples, 2 pinçados).

Conjunto 5 = 340 peças, das quais 42 instrumentos, mais 8 fragmentos cerâmicos (2 simples, 4 pinçados, 2 unguados em linha).

Conjunto 6 = 109 peças, das quais 20 instrumentos, mais 1 fragmento cerâmico (ponteados).

O material recolhido indica que trata-se de espaços de atividades, semelhantes ao menos nas concentrações de material mais abundante, em que está representada a produção e utilização de instrumentos de pedra, e a preparação de alimentos com o uso de cerâmica. Nas concentrações com menor volume de material as atividades de preparação de alimentos não são explícitas.

As características do material e sua quantidade por conjunto, correspondem, aproximadamente, ao que aparece nas casas subterrâneas individuais.

A distribuição dos materiais em espaços separados pode ser interpretada como outros tantos assentamentos (cabanas ou casas) coetâneos, que formariam uma aldeia a céu aberto, ou então acampamentos em momentos diferentes, voltando ao mesmo lugar por causa de suas favoráveis condições e produzindo a cada volta um novo conjunto.

O sítio RS-A-58

É um conjunto de pequenas casas densamente agrupadas, que dista apenas 200m. (ver Fig.03) Podemos pensar o assentamento como independente, mas a proximidade com o anterior é provocativa demais para descartarmos qualquer conexão, que nos é completamente desconhecida, inclusive porque não fizemos nenhuma intervenção no sítio. As casas medem entre 2,30 e 4,50m de diâmetro e entre 0,30 e 1,00m de profundidade.

Este sítio é uma amostra do que acontece em outros assentamentos da área, nos quais também as casas estão muito próximas, mas não necessariamente todas coetâneas. A possibilidade

de haver diferença de idade entre elas foi levantada com a escavação das seis casas do sítio RS-A-80, no qual elas estão ainda mais juntas, distando algumas menos de um metro entre si; várias foram construídas no aterro de uma primeira, à qual estão "coladas". A solução tentada para resolver o problema seria datar cada uma das casas, mas, infelizmente, se trata de uma área cultivada durante gerações, tornando o abundante carvão encontrado em seu interior não confiável para datação.

A grande casa do sítio RS-A-95

Este compõe de uma só casa, com 6m de diâmetro e aproximadamente 2m de profundidade. Ela foi parcialmente escavada num bloco de basalto em decomposição, na borda íngreme de uma elevação, separada da chapada que forma o Morro da Antena, por uma depressão por onde escorre água em tempo de chuva. Uma parte da parede e o piso da habitação são constituídos pela própria rocha. Como em outras casas, a borda mais baixa foi levantada. Para não se mexer muito nas árvores que seguram e defendem as paredes, nossa escavação se restringiu a dois gomos opostos, cobrindo da parede ao centro, cada um deles representando uma quarta parte da superfície interna da casa. No espaço central, não coberto, foi acrescentada uma quadrícula de 1 x 1m.

Nas camadas superiores, provenientes de entulhos recentes e sub-recentes, havia algumas estruturas, feitas com seixos rolados, que simulavam pequenas fogueiras e às vezes o eram, mas o carvão delas se mostrou bem recente. A camada da ocupação original produziu quantidade considerável de material lascado, algumas pedras de fogão e um fragmento cerâmico, em posição intocada, sobre o piso de rocha compacta, suavemente inclinada das bordas para o centro.

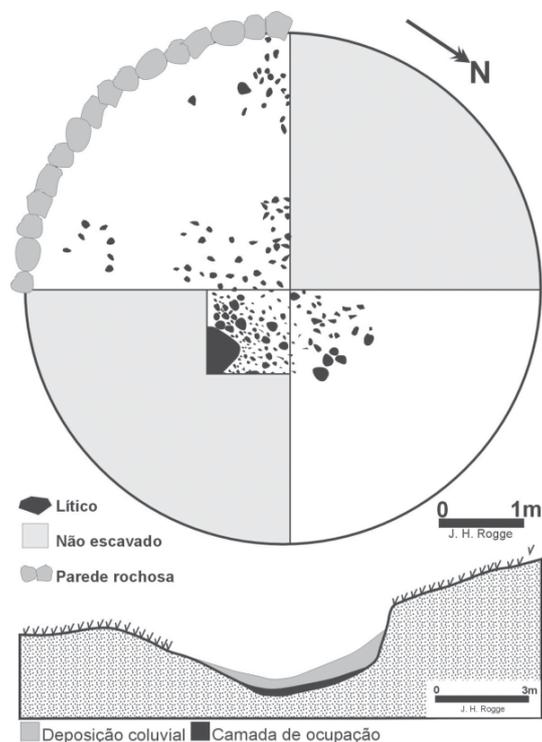


Fig.04: Perfil da casa do sítio RS-A-95 e distribuição do material lítico sobre o piso da mesma

A Fig.04, onde o mesmo está registrado, pode dar-nos uma idéia de como esta casa foi ocupada. Perto do centro da habitação foi encontrado um grande bloco de rocha, trazido de fora ou derubado da pendente e, ao redor dele, estava acumulada considerável quantidade de material lítico, que foi retalhado por alguém sentado na pedra. Os restos líticos são quase todos de basalto cinza, compacto, de granulação fina, do tipo que compõe o próprio Morro da Antena. Este basalto, até recentemente, era muito usado para fazer paralelepípedos e moirões de cerca ou sustentáculos de parreira. Ao lado deste basalto de boa qualidade existem algumas peças em riolito avermelhado, mais resistente, certamente trazido de outra parte.

Separando por grandes categorias as 498 peças recolhidas, encontramos 391 lascas (78,51% do total das pe-

ças), 71 fragmentos de lascamento (14,25%), 24 núcleos (4,81%), 9 instrumentos rudimentares (1,8%), 2 pedras de fogão (0,40%), 1 (0,20%) seixo. Das lascas, a maior parte é de secundárias, provenientes da redução de núcleos e preparação de instrumentos. 71,09% das lascas são menores que 5cm, 28,13% são médias (menores que 0,10m). Também entre os fragmentos, os pequenos constituem 57,74%, contra 40,84% de médios. Os núcleos abandonados são grandes e não todos de boa matéria-prima.

Nesta casa quase só ficaram abandonados os resíduos de produção de instrumentos, acumulados ao redor do bloco que serviu de assento ao lascador, uma atividade atribuída ao gênero masculino; não se percebem claramente espaços de atividades femininas. Em duas outras casas, de que falaremos mais adiante, as atividades atribuídas ao gênero masculino e ao gênero feminino são mais evidentes e equilibradas.

O sítio RS-A-29, Vacaria, RS

No município de Vacaria, na margem direita do rio das Antas, foram estudados 21 sítios, cujos resultados gerais estão publicados em Schmitz et al. (2002). Depois da publicação foram escavadas mais duas casas do sítio RS-A-29 (Pedro Vieira), que é um assentamento com 19 casas, localizado no topo e na encosta superior de uma ondulação do planalto, perto de pequenos banhados de altura.

Buscando acrescentar mais dados ao estudo do sistema de assentamento, primeiro mostraremos a composição do sítio listando as 19 casas, que o compõem, na ordem ascendente de seus diâmetros e indicando os trabalhos realizados em algumas delas. Depois explicamos a ocupação das casas 12 e 16, que foram integralmente escavadas. A localização das unidades pode ser vista

na obra citada (Schmitz et al., 2002:71). Este sítio é apresentado como um outro assentamento característico da tradição cerâmica Taquara. A listagem, no quadro abaixo, deixa muito claro que o pe-

queno tamanho e a pouca profundidade caracteriza a maior parte das casas. As pequenas estão predominantemente em terrenos aplanados, ao passo que as poucas grandes foram construídas contra ressaltos do terreno.

Casas	Diâmetro	Profundidade	Posição no relevo	Atividades realizadas	Datação
7	1,50 m	0,20 m	Plano	-	-
11	3,50 m	0,30 m	Plano	-	-
8	3,60 m	0,45 m + 0,70 m*	Plano	Escavada integralmente	-
4	4,00 m	0,36 m + 0,70 m*	Encosta suave	Trincheira de 1 x 3 m	-
6	4,00 m	0,60 m	Plano	-	-
9	4,00 m	0,35 m	Plano	-	-
14	4,00 m	0,44 m	Plano	-	-
17	4,00 m	0,15 m	Plano	-	-
3	4,50 m	0,30 m + 1,15 m*	Encosta suave	Trincheira de 1 x 3 m	380±60 AP (Beta- 153843)
16	4,50 m	0,90 m + 1,30 m*	Plano	Escavada integralmente	710±60 AP (Beta- 178090)
10	5,00 m	0,45 m	Plano	-	-
5A	5,70 m	0,40 m	Encosta suave	-	-
12	6,00 m	0,35 m + 0,70 m*	Encosta íngreme	Escavada integralmente	370±50 AP (Beta-178089)
13	6,00 m	0,35 m + 1,10 m*	Encosta suave	Trincheira de 1 x 5 m	-
18	8,00 m	1,55 m	Plano	-	-
1	11,70 m	1,75 m + 0,50 m*	Encosta íngreme	Quadrícula de 2,50 x 2,50 m	680±80 AP (Beta-153842)
15	14,00 m	0,90 m	Encosta suave	-	-
2	14,50 m	2,04 m + 0,80 m*	Encosta íngreme	Trincheira de 1 x 11 m	-
5	17,00 m	0,92 m	Encosta íngreme	-	-

* Espessura da camada arqueológica

A casa 12

A estrutura foi escavada na borda fortemente inclinada de uma área aplanada do terreno, como aconteceu com as casas grandes 1, 2 e 5 do mesmo sítio. Este desnível certamente interessava ao construtor, quer para aumentar o tamanho da casa sem dispêndio excessivo de energia, quer porque oferecia alguma facilidade para criar um telhado em uma só água. O lado mais baixo recebeu um aterro

para nivelar a borda, mas, assim mesmo, esse lado ficou mais baixo que os outros três e representaria a entrada da casa, voltada para sudoeste. Dessa entrada, percorrendo menos de cem metros em declive suave, os moradores chegavam a um pequeno banhado, que poderia fornecer água para o consumo da casa. O piso tinha pequena inclinação da periferia para o centro, inclinação que era menor no lado da suposta entrada.

Por ocasião da escavação, os materiais foram encontrados sobre o piso, que é relativamente amplo e não muito inclinado, estando aparentemente no ponto em que teriam sido abandonados no momento da saída. É bastante evidente que

trata-se de uma só ocupação, que não foi muito duradoura, porque o material não chegou a ser pisoteado. A disposição original é importante para refletir sobre as atividades desenvolvidas dentro da casa.

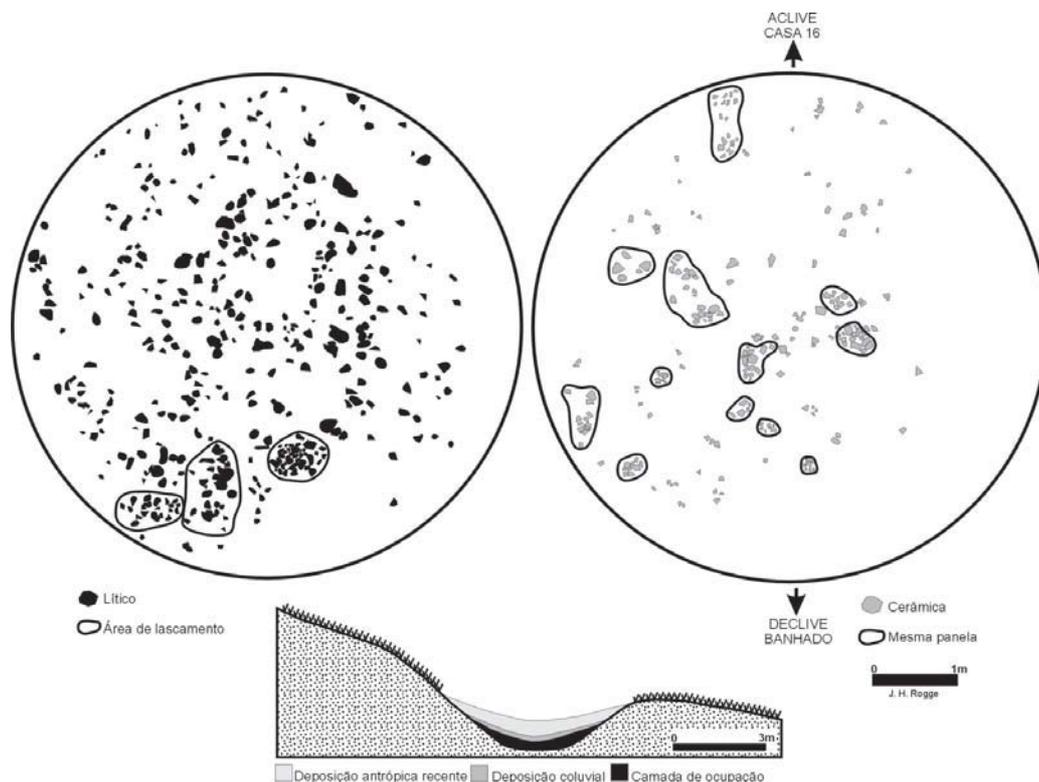


Fig.05: Perfil e distribuição do material lítico e da cerâmica sobre o piso da casa 12, sítio RS-A-29

Na oportunidade foram recolhidos 261 fragmentos cerâmicos, classificados de acordo com o acabamento da superfície externa em 115 simples (44,06%), 56 pinçados (21,45%), 45 com impressão de cestaria (17,24%), 39 ungulados (14,95%) e 6 ponteados (2,30%).

Os fragmentos cerâmicos, da tradição Taquara, estão distribuídos entre o centro e dois lados: o que corresponde ao aclive do terreno e o lado esquerdo; são poucos os fragmentos no lado que seria a entrada e à direita da mesma. Em vários pontos, os fragmentos da mesma vasilha ainda estavam juntos, indicando que peças bastante completas teriam sido abandonadas. Geralmen-

te, não é possível recompor recipientes inteiros com os fragmentos reunidos, talvez porque as vasilhas já estariam incompletas quando foram abandonadas, ou porque os fragmentos faltantes foram deslocados.

O material lítico apresenta distribuição semelhante a da cerâmica. São 357 peças, classificadas em 92 lascas (25,77%), 68 fragmentos de lascamento (19,05%), 93 núcleos (26,05%) em sua maioria pequenos e médios, 41 instrumentos (11,48%), 45 fragmentos de pedra de fogão (12,61%) e 18 seixos (5,04%). Junto ao que supomos tenha sido a abertura e, por isso, teria mais luminosidade, existem conjuntos de

instrumentos líticos bem acabados e locais de retalhamento final para produzir instrumentos. Quando comparamos os 357 restos líticos deste sítio com os 498 do RS-A-95, notamos uma grande diferença, rapidamente visualizada pela porcentagem das peças: lá alguém esteve retalhando blocos sistematicamente, do que resultou um grande acúmulo de lascas (78,51% dos restos), aqui estão dispersos, no piso, materiais líticos variados e, junto à entrada há retalhamento final e uso de instrumentos. Lá uma atividade quase exclusiva, aqui uma atividade junto a outras.

A presença desse material demonstra que na habitação se desenvolveram tanto atividades de preparação e consumo de alimentos, como de produção e uso de instrumentos líticos. A distribuição do material cerâmico e lítico sugere ocupação de espaços ao menos parcialmente diferenciados para essas atividades: as femininas estão mais para o interior, as masculinas mais para a entrada da casa.

A casa 16

Uma casa pequena, com paredes bastante íngremes e piso estreito, que dista aproximadamente 60m da grande casa 12. Está sobre a parte plana do terreno, onde há outras casas pequenas. Por ocasião do nivelamento da terra, feito pelo proprietário para melhorar o pasto, no qual está o sítio, todas as ondulações externas foram rebaixadas e a terra, com seus restos arqueológicos, foi jogada dentro da depressão. Por isso é difícil separar o material arqueológico proveniente desse entulho, do material resultante da ocupação inicial da casa. Este se encontrava densamente aglomerado no fundo estreito da habitação, numa camada escura com bastantes blocos de pedra, artefatos líticos, cerâmica e carvão.

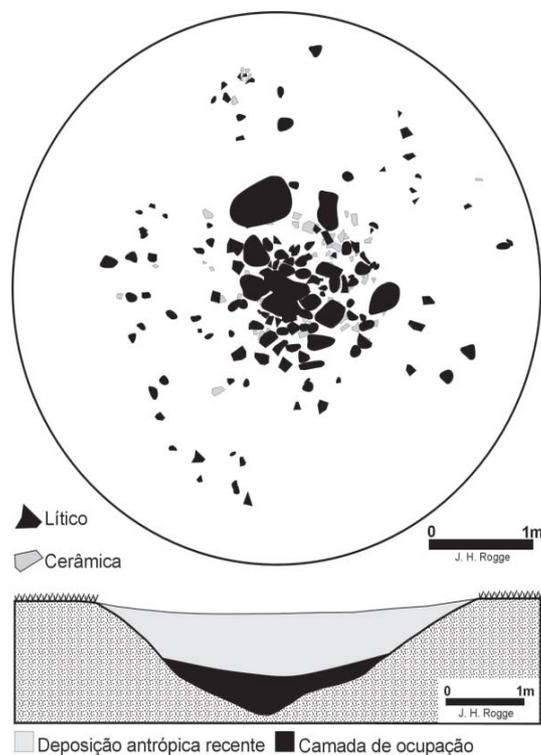


Fig.06: Perfil e distribuição do material lítico e cerâmico sobre o piso da casa 16, sítio RS-A-29.

O material lítico consiste de certa quantidade de peças (aproximadamente 200) de uma indústria semelhante à de outras casas, numerosas "pedras de fogão" e 184 fragmentos cerâmicos, classificados de acordo com o acabamento da superfície em 130 simples (70,65%), 18 pinçados (9,78%), 11 com impressão de cestaria (5,98%), 9 brunidos (4,89%), 8 ungulados (4,35%), 7 com pintura vermelha externa (3,81%) e 1 ponteadado (0,54%).

A diferença para a casa anterior não consiste somente no tamanho, mas também na estrutura, com paredes mais empinadas e piso tão estreito, que só comportava o lugar do fogo, no qual estava aglomerado todo o material. Esta casa pode ser tomada como boa amostra para as casas pequenas.

Considerações

Como foi possível sentir através do texto, as estruturas que formam o sistema de assentamento pré-histórico nos municípios de São Marcos e Vacaria são variadas.

As mais conhecidas são as habitações com pisos rebaixados, de ocupação mais permanente, mas raramente de duração muito longa. As casas maiores frequentemente foram construídas junto a desníveis do terreno, ao passo que as pequenas estão predominantemente em superfícies aplanadas. Isto nos faz refletir sobre as respectivas coberturas que, nas casas encostadas em ressaltos do terreno, poderiam ter um telhado de uma só água, apoiado no barranco, ao passo que as pequenas provavelmente teriam estrutura aérea cônica, apoiada no chão e fechando toda a borda.

Nas casas grandes, às vezes, é possível distinguir espaços de atividades, como áreas de preparação de alimentos, com uso de cerâmica, e espaços de preparação e utilização de instrumentos líticos. Nas pequenas, porque o piso é muito estreito, os materiais provenientes de ambas as atividades estão misturados. O material recuperado sobre os pisos corresponde tanto a atividades atribuídas aos homens, quanto a atividades atribuídas às mulheres, deixando transparecer que a ocupação seria feita por famílias; no sítio RS-A-95, entretanto, parecem dominar as atividades masculinas. É preciso não esquecer que grande parte, talvez a maior, das atividades de um assentamento, era desenvolvida do lado de fora das casas, sob a proteção das árvores ou de pequenos telheiros. Isto torna relativas nossas deduções a partir da análise exclusiva do piso das habitações.

As casas apresentam ocupações diferenciadas em duração e intensidade, independente de seu tamanho. Há tanto casas grandes quanto pequenas com pouquíssimo material e casas grandes e

pequenas com muito material. Maior ou menor quantidade costuma ser associada a maior ou menor tempo de ocupação.

Outra estrutura, que vem se destacando no mesmo espaço de São Marcos, são as chamadas estruturas semi-lunares. Elas podem vir agrupadas com habitações, mas é preferível considerá-las como um fenômeno independente. A presença mínima de artefatos e a falta de estrutura de fogo, induzem a pensá-las como bases de acampamentos passageiros.

Existem, ainda, os sítios a céu aberto, que parecem mais raros nas duas áreas que pesquisamos do que em áreas próximas, investigadas por outros profissionais (p. ex. Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985). Pela qualidade e quantidade de material encontrado nas várias concentrações, que costumam formar estes sítios, elas poderiam representar ocupações semelhantes às das casas com pisos rebaixados. Mas qual a relação, funcional, sazonal ou outra, com estas habitações, ainda é especulação prematura.

Quando as estruturas até agora mencionadas vêm agrupadas num mesmo lugar, não precisamos considerá-las coetâneas. Isto vale tanto para estruturas da mesma categoria (só casas, só estruturas semi-lunares, só assentamentos a céu aberto), formando um mesmo "sítio", como se refere à justaposição no mesmo espaço de estruturas de categorias diferentes. As pesquisas até agora realizadas mostram que as estruturas são predominantemente diacrônicas, sucedendo-se em uma ou poucas unidades de cada vez, durante várias gerações. A razão de voltar aos mesmos pontos pode ser a riqueza do lugar, a tradição familiar ou qualquer outra, que ainda não somos capazes de reconhecer.

Os materiais líticos e cerâmicos, encontrados nos diversos tipos de estruturas e de sítios, não apresentam diferenças visíveis, que demonstrem divisões culturais na área.

Temos, finalmente, os jazigos funerários em abrigos rochosos ou fendas horizontais do basalto, em terrenos mais acidentados, nos quais os corpos eram depositados sem enterrar. Na região de São Marcos estes jazigos são vários, cada um deles guardando poucos indivíduos. Em Vacaria é um só, com muitos indivíduos. A maior ou menor disponibilidade local de tais abrigos parece responder pelo fato de haver um número maior ou menor de sepultamentos nos jazigos individuais. A dispersão de pequenos cemitérios, no espaço habitado em São Marcos, está de acordo e combina com a pouca intensidade das demais estruturas de assentamento da área. Em outros municípios do planalto sul-rio-grandense, além de deposição em abrigos, existem sepultamentos no chão, cobertos com montículos de terra (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985; Schmitz et al., 1988; Copé & Saldanha, 2002).

O quadro apresentado indica um assentamento semi-sedentário, ligado a um recurso ambiental importante, que é a semente de *Araucária angustifolia*. Esta árvore formava grandes extensões de florestas densas que, um ano mais, outro ano menos, produzia grande massa de alimento. Este podia ser usado diretamente ou conservado para meses de menor abastecimento. As estruturas de que falamos estão ligadas a esta floresta, com muito raras ultrapassagens para o campo natural contíguo. A oscilação periódica na produção de pinhões pode-

ria ser um fator de mobilidade a ser compensado, até certo ponto, por alguns cultivos, a caça e a pesca.

O grande investimento em movimentação de terra, que se tornou a característica cultural dessa população, não se justificaria só com a construção de habitações que protegessem do frio (e as estruturas semi-lunares?), mas deve estar ligado a estratégias de manutenção do domínio sobre os recursos vegetais de que dependia a vida do grupo. De fato, o esforço construtivo parece exagerado quando o confrontamos com o relativamente pequeno uso prático das construções.

O quadro, aqui apresentado, é ainda provisório e incompleto. Falta especialmente a explicitação das conexões entre os diversos tipos de estruturas e sítios, conexões que dependem de ulteriores análises funcionais e cronológicas. Por isso não deve ser estendido, sem mais, nem a áreas próximas do mesmo Planalto das Araucárias, muito menos a espaços com ambientes diferentes.

Também ainda fica sem resposta onde, quando e como este sistema se formou, como se manteve e, através do tempo, se modificou.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos pesquisadores e bolsistas que trabalharam nos projetos Vacaria e São Marcos, em campo e/ou em laboratório.

Referências Bibliográficas

- BEBER, M.V. 2005. O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da tradição Taquara. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, São Leopoldo, 10:5-125.
- COPÉ, S.M. & SALDANHA, J.D.M. 2002. Em busca de um sistema de assentamento para o Planalto Sul-Riograndense: escavações no sítio RS-NA-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:107-120.
- COPÉ, S.M. et al. 2002. Contribuições para a pré-história do Planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:121-138.

- FORSBERG, L.L. 1985. *Site variability and settlement patterns*. Tese de Doutorado. Umea, University of Umea.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. & RIBEIRO, C. T. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, 12:50-105.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. et al. 1994. Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8:221-236.
- MILDER, S.E.S. (Org.) 2005. *Anais do I Colóquio Sobre Sítios Construídos. Casas Subterrâneas*. Santa Maria, Palloti.
- OLIVEIRA, J.P. de (Org.) 1999. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- SCHMITZ, P.I. 1988. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, São Leopoldo, 2:75-130.
- SCHMITZ, P.I. (Ed.) 2002. Casas Subterrâneas nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:1-175.
- SCHMITZ, P.I. (Coord.) 2006. A ocupação pré-histórica do litoral meridional do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 63:1-364.
- SCHMITZ, P.I. et al. 1988. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, São Leopoldo, 2:5-74.
- SCHMITZ, P.I. et al. 2002. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-grandense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, 58:11-105.